

IV DOMINGO DA QUARESMA – ANO A SOMOS IGREJA QUE ACOLHE



Caros amigos:

Num tempo em que toda a humanidade vive as trevas da incerteza e do medo com uma nova epidemia, o Evangelho convida a olhar para o rosto Daquele que salva, que é o sol e a luz do mundo!

Da sede passamos à cegueira. Somos eternos mendigos de Deus, estamos sempre "incompletos", sem Ele... Deixemo-nos tocar, lavar e ungir...para vermos melhor e acreditarmos!



Não era certamente a primeira vez que se cruzava com um cego, mas cada vez mais sentia esta necessidade de parar e escutar o grito rouco da miséria que nunca descortinou o esplendor da vida. Era quase como que uma obrigação, um dever íntimo de Jesus em atravessar os caminhos vendados da humanidade, aproximando-se com delicadeza do sofrimento e da humanidade ferida. Até parece que Cristo deseja tocar a tristeza daquele olhar silencioso, espalhar uma mistura de primavera sobre aquelas persianas abaixadas à vida, quase pedindo desculpa à natureza pela longa noite escura. Jesus viu o cego e sonhou para ele a vista! Olha para nós e convida também a ir à piscina, ao baptismo de luz, ao encontro que faz renascer a vida.

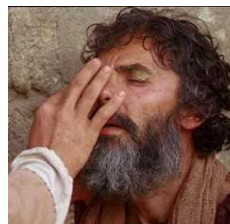
1ª Leitura
1 Sam 16, 1b.6-7.10-13ª
Salmo
22 (23)
2ª Leitura
Ef 5,8-14
Evangelho
Jo 9,1-41

"JESUS ENCONTROU NO SE CAMINHO UM CEGO DE NASCENÇA"



PARA MEDITAR

"MÃOS DO OLEIRO QUE ACARICIAM AS CINZAS"



Terra e saliva, húmus e respiro divino, poeira do nada e beijo encantado de Deus... Jesus é o próprio Deus que se deixa contaminar com as nossas feridas, para que possamos ser contaminados de céu. Ele mistura-se na nossa vida para que dela desabroche a luz e o nosso olhar faça festa, num mundo resplandecente de beleza.

Jesus imita o gesto criador de Deus, numa liturgia de vida que recria a luz das trevas apagadas! Maravilhoso lodo, admirável lama que fecunda novamente a vida da criação! Interminável sonho divino de gente com olhar iluminado! Regressando da piscina, o "cego iluminado" já não precisa do bastão nem de esticar a mão para se orientar, porque caminha com o rosto banhado pelo sol. Quem sentiu na sua vida o calor dos dedos do Criador e se deixou tocar numa carícia silenciosa pela "Luz do mundo", não volta atrás: é demasiado bela a luz! É demasiado forte a palavra que salva! É demasiado doce a mão que ama!

Estranho que o milagre não suscite alegria, admiração e louvor, mas antes desconfiança e rejeição. Os fariseus ficam cegos diante do prodígio, provavelmente num delírio de inveja. Negam a evidência e não veem a pessoa, apenas as regras e proibições infinitamente pesadas. É verdadeiramente triste quando a religião separa Deus da experiência concreta da vida, quando a fé não toca o olhar e o coração, quando nos dizemos cristãos, mas não usamos de misericórdia. Só tornando luminoso o rosto dos irmãos, o nosso se iluminará. E assim se acende a luz de Deus!

"DE MENDIGO A PROFETA"



À medida que o cego de nascença recupera a vista, vê mais claramente quem é Jesus: inicialmente um "homem", depois um "profeta"; no fim, reconhece-o como o "Senhor", aquele que dá sentido à vida, que não ficou preso na morte mas ressuscitou para nos fazer ressurgir numa vida nova!

O cego curado torna-se discípulo, de olhos enamorados e coração aberto. Diante de todos, ele fala, contagia e testemunha os prodígios de Deus, repetindo-nos: «Acorda tu que dormes e Cristo te iluminará!»

REZAR A PALAVRA E CONTEMPLAR O MISTÉRIO



Senhor, Senhor, confesso que às vezes prefiro não ver o que se passa à minha volta, para não ter de agir e não me incomodar a sair das minhas zonas de conforto. Manter as minhas pálpebras dentro do domínio da ignorância, atadas ao meu "modo de ver" é sempre mais fácil. É sempre duro abrir os olhos porque me implica no rosto dos outros, porque me incomodam os caminhos, mas hoje decido que quero ver, Senhor. Que quero sair da paisagem ditadora das minhas convicções, para admitir um caminho de possibilidades que o teu projecto me oferece. Cura-me, Senhor, da cegueira íntima e até ignorada, para que me abra à tua revelação e colabore no teu projecto de amor.

VIVER A PALAVRA

Vou exercitar o meu olhar interior para fazer memória de todos os "toques" de Deus na minha vida.



MENSAGEM DO BISPO DE VIANA DO CASTELO AOS SEUS DIOCESANOS

Caríssimos Diocesanos,

Com a declaração do estado de emergência nacional, vai agravar-se, para a grande maioria de nós, uma situação a que não estávamos habituados: a fazer a vida em casa. Reparem bem: a vida. Isto significa que, mesmo nestas circunstâncias, temos de continuar a viver. Há, para isso, que aproveitar a situação, para fazermos dela fonte de vida. Quem sabe, uma vida até mais verdadeira.

Antes de mais, porque nela podemos reforçar a sua componente social, tão ou mais imprescindível que a individual. Tanto preciso dos outros, como eles precisam de mim. A começar pelos mais próximos: os familiares, para os quais, tantas vezes e por tantas razões, não tínhamos tempo. Agora, obrigam-nos a estar juntos: o marido com a esposa, os pais com os filhos e os filhos com os pais e, eventualmente, os avós. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e várias semanas por mês. Quantas? Nem sabemos.

Uma coisa deve ser intocável para nós: o respeito pelas normas que nos obrigam a estar em casa. Só assim se evita o temido contágio...e a morte que ninguém deseja, nem para si, nem para os seus, familiares, amigos, vizinhos ou simples concidadãos. Só assim eu amo a vida, a minha e a dos outros. Por isso, fiquemos mesmo em casa. Mas, repito, para viver. Como?

Antes de mais, organizando o dia-a-dia: com horas para tudo o que for necessário e possível. Mas, cada coisa na sua hora; e umas em comum, outras individualmente. Passar o tempo à deriva, ao ritmo do que me vai apетecendo, tornar-se-á aos poucos fastidioso, insuportável. Organizemos previamente o nosso dia-a-dia, particularmente se temos crianças entre nós. Que bela oportunidade para serem ainda mais educadas a terem regras e a segui-las!

Para nós, crentes, há coisas essenciais à vida e que, nas circunstâncias até agora normais, não fazíamos tanto ou tão bem. Mas agora podemos fazê-las e melhor. Refiro-me, em especial, à oração individual e em família: com pais e filhos ou apenas com marido e esposa. A partir de agora vamos ter, não só muito mais tempo para isso, mas também uma ótima e proveitosa maneira de o ocupar, a sós e com aqueles que formam o nosso núcleo familiar.

Deste modo, evitaremos não apenas que a vida em casa se torne cansativa e insuportável, mas estaremos em comunhão com Aquele de quem recebemos a vida. *Em vós, Senhor, está a fonte da vida; e é na vossa luz que vemos a luz!* Assim nos ensina a Bíblia a rezar (Sl 36,10). Façamo-lo, se possível unindo as nossas vozes. E – porque não? – cantando. Diz S. Agostinho: quem canta reza duas vezes. E nós acrescentamos: Quem canta seu mal espanta – o mal da

solidão, do medo, do desespero, da morte. Rezemos, pois, ao Deus da vida. Temos muito mais tempo e mais razões para isso.

Neste sentido, proponho que se definam momentos e lugares de oração e se preparem esses momentos e lugares com textos, preferencialmente bíblicos, e símbolos (imagens, estampas, flores ou outras ornamentações), de tal modo que o espaço, em que rezamos em casa, se pareça com o de uma igreja e a família seja o que deve ser: uma Igreja doméstica, como família cristã que é.

Na missa dominical (e outras), sugiro que se siga uma das muitas celebrações, transmitidas pela TV ou via INTERNET. Não assistindo; mas, participando, rezando, cantando (se soubermos), vestindo-nos do mesmo modo como quando vamos à igreja e fazendo os mesmos gestos que se fazem na igreja. Se assim for, será uma verdadeira Missa, excetuando na comunhão eucarística que, nestas circunstâncias, terá de ser espiritual. Guardemos, para isso e se possível, na altura própria, uns momentos de silêncio e recolhimento, se a celebração no-lo permitir.

Julgo que há, mais uma vez, males que vêm (também) por bem. Há que aproveitá-los, já que não voltam mais – assim Deus o queira! Não sabemos quanto tempo vão durar. Mas, saber ocupar o tempo de modo útil e construtivo é, no mínimo, um dever, já que, como se diz, “a vida são dois dias” (mas longos).

Convido-vos ainda a que partilhemos as experiências feitas neste âmbito. Hoje, felizmente, não há fronteiras na comunicação, e com a vantagem de estarem imunes de contágio viral. Troquemos ideias e experiências – como vários sacerdotes e fiéis leigos já estão a fazer – e teremos ainda mais o que é essencial à vida, agora mais do que nunca, nesta guerra em que todos nos encontrarmos: a união que, se for em e com Deus, será muito maior.

Quero aproveitar a ocasião para deixar uma palavra a todos os que, por dever de ofício, terão de continuar a trabalhar e a encontrar-se com outras pessoas, expondo-se assim, ainda mais, ao perigo de serem infetados pelo vírus. Destaco, por razões óbvias, os profissionais de saúde e seus colaboradores, aos quais manifesto todo o meu apoio e, comigo, o da Igreja Diocesana a que presido. Estou convencido de que cada um de nós se revê e sente neles, já que fazem o que todos gostaríamos e quereríamos fazer e não podemos. Obrigado pelo que fazeis por nós. Iremos rezar por vós, confiando que o Senhor vos fará sentir a força da nossa oração.

Estamos, afinal, num tempo que não é só de desgraça, mas também de salvação, ou melhor, de salvação que nasce da desgraça. Mas é precisamente este o mistério da Páscoa que estamos a celebrar: o da vida que surgiu da morte de Jesus Cristo ou, se quisermos, do amor que Ele viveu com a total oferta da vida. Talvez estejamos a celebrar a melhor Páscoa da nossa vida. Vamos aproveitá-la.

Santa Páscoa!

Viana do Castelo, 19.03.2020 (Solenidade de São José e Dia do Pai)
†Anacleto Oliveira (Bispo Diocesano de Viana do Castelo)